

---

## DESENVOLVIMENTO REGIONAL ENTRE VERTICALIDADES E HORIZONTALIDADES: A AGRICULTURA FAMILIAR EM QUESTÃO

Erica Karnopp<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisam-se os impactos da ordem global na configuração territorial, social e econômica do desenvolvimento regional entre verticalidades e horizontalidades, dando ênfase a agricultura familiar. O objeto empírico de análise está alicerçado em duas regiões: a região do Vale do Rio Pardo, localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que tem sua base econômica na produção e no beneficiamento do tabaco, processo no qual a agricultura familiar tem papel de destaque; a região Tirol, região histórica da parte ocidental da Europa Central, que inclui na Áustria o Estado do Tirol e na Itália a província autônoma italiana de Bolzano na região autônoma do Trentino-Alto Ádige (Trentino-Südtirol). As verticalidades e horizontalidades são tratadas como duas dimensões teóricas importantes para a análise territorial, determinante para a compreensão da dinâmica das regiões em estudo.

**Palavras-chave:** desenvolvimento regional; verticalidades e horizontalidades; agricultura familiar.

### **Regional development among verticalities and horizontalities: a family farming issue**

**Abstract:** This paper analyses the effects global impacts have on the territorial, social and economical configuration of the regional development among verticalities and horizontalities, giving emphasis to family farming. The empirical goal of this study is founded in two different regions: the Rio Pardo Valley region which is located in the heart of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, and it has its economy based on the production and processing of tobacco. A process in which family farming plays an important role; Tirol region, a historical region located in the western side of Central Europe, which includes, in Austria, the state of Tirol and, in Italy, the Italian autonomous province of Bolzano, in the autonomous region of Trentino-Alto Ádige (Trentino-Südtirol). Verticalities and horizontalities are treated as two different and very important theoretical dimensions for the territorial analysis, and a determiner to understand the dynamics of the studied regions.

**Keywords:** regional development; verticalities and horizontalities; family farming.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo traz algumas questões que fundamentam a tentativa de aplicar conceitos de verticalidades e horizontalidades em realidades empíricas distintas. Tendo a agricultura

---

<sup>1</sup> Professora Doutora em Geografia pela Universität Tübingen - Alemanha. Docente e Pesquisadora do Departamento de História e Geografia e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado da UNISC. E-mail: erica@unisc.br

---

familiar como objeto de estudo, a análise alicerçou-se em duas regiões: a região do Vale do Rio Pardo (Brasil) e a região Tirol (Áustria).

A Região do Vale do Rio Pardo (RS/Brasil) tem sua base econômica regida pela produção do tabaco, mas esta produção apresenta desigualdades internas relacionadas ao processo de formação territorial e em suas características socioculturais, políticas e econômicas. O processo de produção do tabaco – do plantio, industrialização e comercialização – é controlado pelas empresas multinacionais. Na maioria dos municípios da região do Vale do Rio Pardo o tabaco é o produto que confere maior importância, mas somente os municípios em que as multinacionais estão instaladas se beneficiam pelo seu desenvolvimento industrial. Os demais municípios são meramente produtores da matéria prima – o tabaco. Estes municípios se beneficiam dos impostos sobre o tabaco, causando uma disparidade econômica entre os municípios que não se beneficiam através do setor secundário. Decisivamente as corporações multinacionais têm um grande impacto na estrutura regional. O Tirol é uma região histórica da parte ocidental da Europa Central, que inclui na Áustria o Estado do Tirol e na Itália a província autônoma italiana de Bolzano na região autônoma do Trentino-Alto Ádige (*Trentino-Südtirol*). A região hoje pertencente à Itália possui a maior autonomia administrativa da Europa, para garantir sua identidade étnica, linguística e cultural. Entretanto, não faltaram durante os anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial tentativas de "italianização" da região tirolesa, principalmente no Südtirol de maioria alemã.

Em ambas as realidades – região do Vale do Rio Pardo e região Tirol – o sistema de produção se serve predominantemente de verticalidades e/ou horizontalidades. O sistema de produção que se serve das verticalidades é constituído por redes, estas a serviço daqueles atores que, de fora da área, determinam as modalidades internas de ação nos lugares, organizando o trabalho de todos os outros atores. “As decisões essenciais, concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes”, tendo como consequência a alienação das pessoas presentes nos lugares (SANTOS, 2000). As ações horizontais caracterizam os espaços em que a vida cotidiana abrange várias temporalidades, considerando a existência e o interesse de todos e de cada um, dando ênfase às interdependências e às redes de solidariedade entre pessoas, grupos, organizações sociais e econômicas localizadas na região (SANTOS, 1996).

Assim, neste artigo analisa-se a configuração territorial, social e econômica do desenvolvimento regional entre verticalidades e horizontalidades, dando ênfase a

---

agricultura familiar. Parte-se da hipótese de que, embora as horizontalidades e verticalidades constituam dimensões teóricas importantes para a análise territorial, evidenciadas histórica e empiricamente, é a verticalidade das ações o vetor dominante na agricultura familiar da região do Vale do Rio Pardo. As horizontalidades, portanto, imprimem papel fundamental na condução da agricultura familiar na região Tirol.

### ***Verticalidades e horizontalidades***

Segundo Santos (2000), a racionalidade hegemônica global se apresenta como uma ideologia comandada pelos atores hegemônicos do capitalismo, sobretudo as macroempresas. Essa racionalidade é transmitida para a sociedade através das verticalidades, que se espacializam no território como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos, e que estão profundamente adequados às tarefas produtivas hegemônicas. Nas verticalidades predomina o tempo rápido/universal, e os interesses corporativos sobressaem-se sobre os interesses públicos.

O sistema de produção que se serve das verticalidades é constituído por redes, estas a serviço daqueles atores que, de fora da área, determinam as modalidades internas de ação nos lugares, organizando o trabalho de todos os outros atores. As decisões essenciais, concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes, tendo como consequência a alienação das pessoas presentes nos lugares (Santos, 2000).

Para Santos (1999), a dimensão horizontal corresponde às atividades e ações que possibilitam a estruturação da vida social: os lugares podem se unir horizontalmente, reconstruindo aquela base de vida comum, suscetível de criar normas locais, normas regionais que acabam por afetar as normas nacionais e globais. Justamente, as redes de solidariedade fomentam a coesão social como resposta a marginalização e exclusão, alternativa às políticas setoriais e ao processo de globalização que muitas vezes não atendem aos interesses de desenvolvimento articulado de determinado território ou região. Sob essa perspectiva, a dialética no/do território se afirma mediante um controle local da parcela técnica da produção e um controle remoto (global) da parcela política da produção. Assim, há um conflito que se agrava entre um espaço local e um espaço global, este último com um conteúdo ideológico de origem distante, que chega a todos os lugares (SANTOS, 2002).

---

O território precisa ser interpretado – e não apenas considerado como uma variável de descrição das diferenças na repartição econômica. A interrogação mais forte acerca do território é a que procura compreender a genealogia dos processos socioeconômicos: por que razão se gera ali, e não noutra sítio, dinâmicas ou déficits? Isto implica uma epistemologia do território. Rejeita-se a visão organicista que vê os territórios como derivações, subprodutos, de ordem imanente e se entende que se deve olhar para as sociedades (REIS, 2005).

Somente a partir dos anos 1970 é que se estruturou um pensamento alternativo a esta corrente hegemônica. A concepção teórica e metodológica que preside todas as formulações não conservadoras, a partir daí, é a de que o território é uma produção social, procurando analisar os conflitos que se estruturam e das lutas que se travam em torno deste ambiente construído socialmente. Nenhum recorte espacial poderá ser mais visto como passivo ou mero receptáculo e sem contexto institucional e moldura histórica.

É, portanto, analisando a nova realidade engendrada por obra do processo de globalização, vista por Santos (2002, p. 16) como “um resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território”, que ele propõe dois novos recortes analíticos do território: verticalidades e horizontalidades.

Para Santos (1999, p. 227), as verticalidades são “vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado”, segundo uma ordem que impõem para o seu próprio proveito. O mesmo autor associa as relações verticais com as chamadas forças centrífugas, que tendem a se afastar do centro (território em que se instalam), no sentido de que somente ali permanecem enquanto dali puderem extrair vantagens não alcançadas em outros territórios. Por essas razões, elas são consideradas como movimentos geradores de desagregação e fatores de divergência, tendendo a engendrar processos de verticalização.

Segundo Santos (1999, p. 227), “as horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta”. Se as relações verticais se associam às forças centrífugas, as relações horizontais se associam às forças centrípetas, pois tendem ao centro (ao próprio território) e, por isso, se constituem como movimentos de agregação e fatores de convergência e de solidariedade, tendendo a engendrar processos de horizontalização.

---

### ***A agricultura familiar no contexto da região do vale do rio pardo***

A Região do Vale do Rio Pardo (Figura 1) tem sua base econômica na produção e no beneficiamento do tabaco. Entretanto, esta atividade não se encontra equitativamente distribuída entre os municípios da região em decorrência do processo de formação e das características socioculturais, políticas e econômicas que marcam esse processo. Com aproximadamente 40% de sua população vivendo e trabalhando no meio rural, em pequenas unidades de produção familiares, com tamanho médio de 18ha, a região vem se defrontando com sérias consequências decorrentes do intenso uso de agrotóxicos na cultura do tabaco.

Com relação aos aspectos sócioeconômicos da Região do Vale do Rio Pardo, cabe destacar que os 25 municípios que compõem a região ocupam 5,09% da área total do Estado do Rio Grande do Sul. Cabe salientar também que a região apresenta marcante diferenciação interna, decorrente basicamente do processo de colonização e uso das terras. Isto faz com que a variação de taxas referentes a concentração fundiária, densidade demográfica, taxa de urbanização, entre outros índices, seja muito significativa dentro da região.

Ao observar o processo de formação da região do Vale do Rio Pardo e suas características socioculturais, políticas e econômicas, pode-se identificar a existência, atualmente, de três sub-regiões dentro da Região:

- ✓ Norte: área de predomínio da pequena e média propriedade, com sérios problemas relacionados a alternativas econômicas que possibilitem a (re)produção do minifúndio.
- ✓ Centro: constituída de pequenas propriedades é marcada pelo pólo industrial e comercial de Santa Cruz do Sul e cidades vizinhas.
- ✓ Sul: área abrangida por médias e grandes propriedades, com o predomínio das atividades agropastoris, voltadas principalmente à pecuária e orizicultura. A densidade demográfica nas áreas rurais é pequena, típica de regiões de latifúndios.

Deve-se, entretanto, levar em conta que a população encontra-se desigualmente distribuída, concentrando-se predominantemente no centro da região, ou seja, na porção mais industrializada, que abrange os municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Vera Cruz e Rio Pardo, formando o Complexo Fumageiro da Região. O município de Sobradinho, mesmo não possuindo potencial industrial, também tem uma densidade demográfica relativamente alta, decorrente de sua condição de subcentro regional.

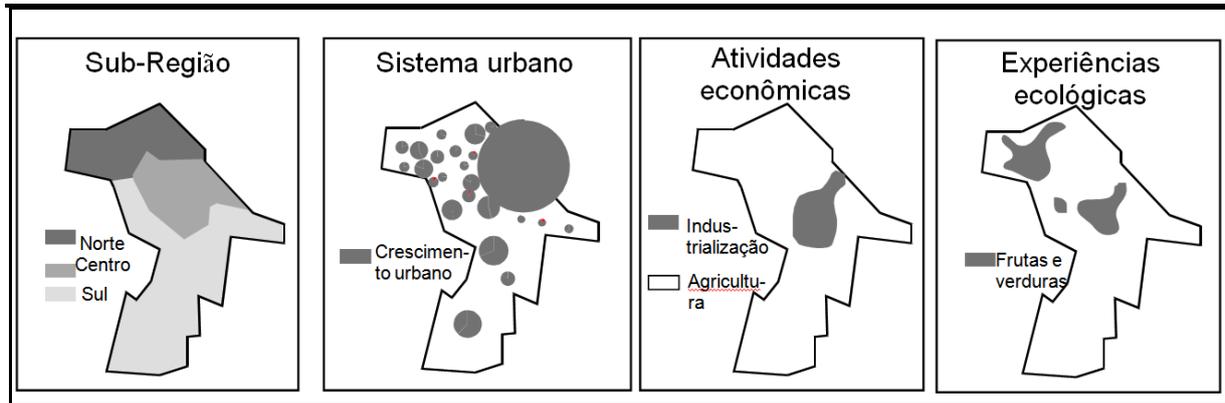


Figura 1 - Estrutura espacial da região do Vale do Rio Pardo  
Fonte: KARNOPP (2013).

Na região as experiências para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável ainda são bastante incipientes, tendo em vista que a produção do tabaco ainda confere a continuidade do desenvolvimento de uma agricultura familiar baseado nos princípios formatados pela “Revolução Verde”. A transição da agricultura convencional para a orgânica norteia-se num processo gradual de mudança, através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, tendo como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção a um modelo ou estilo de agricultura que incorporem princípios, métodos e tecnologias com base ecológica. O processo de produção do tabaco – plantio, comercialização e industrialização – é controlado pelas empresas multinacionais. Na economia da maior parte dos municípios da região do Vale do Rio Pardo o tabaco é o produto mais importante, mas o retorno gerado pelo beneficiamento e exportação do tabaco só se realiza nos municípios que sediam as multinacionais. Estes municípios se beneficiam dos impostos sobre o tabaco, aumentando a disparidade econômica entre os municípios que não se beneficiam da industrialização, os quais são meros produtores de matéria-prima. Decisivamente as corporações multinacionais têm um grande impacto na estrutura sócio-econômica regional. Quanto ao processo de urbanização (Figura 2), não se observa uma uniformidade regional. Enquanto que alguns municípios apresentam uma taxa de urbanização muito baixa, na ordem de 6%, outros municípios, como Santa Cruz do Sul, apresentam taxas superiores a 80%. Em relação a Santa Cruz do Sul, isto deve-se pela sua condição de principal centro industrial da região. O processo de industrialização, no entanto, foi responsável pela intensa migração rural-urbana, bem como pelas migrações intra-regionais, que tinham e continuam tendo a cidade de Santa Cruz do Sul como destino.

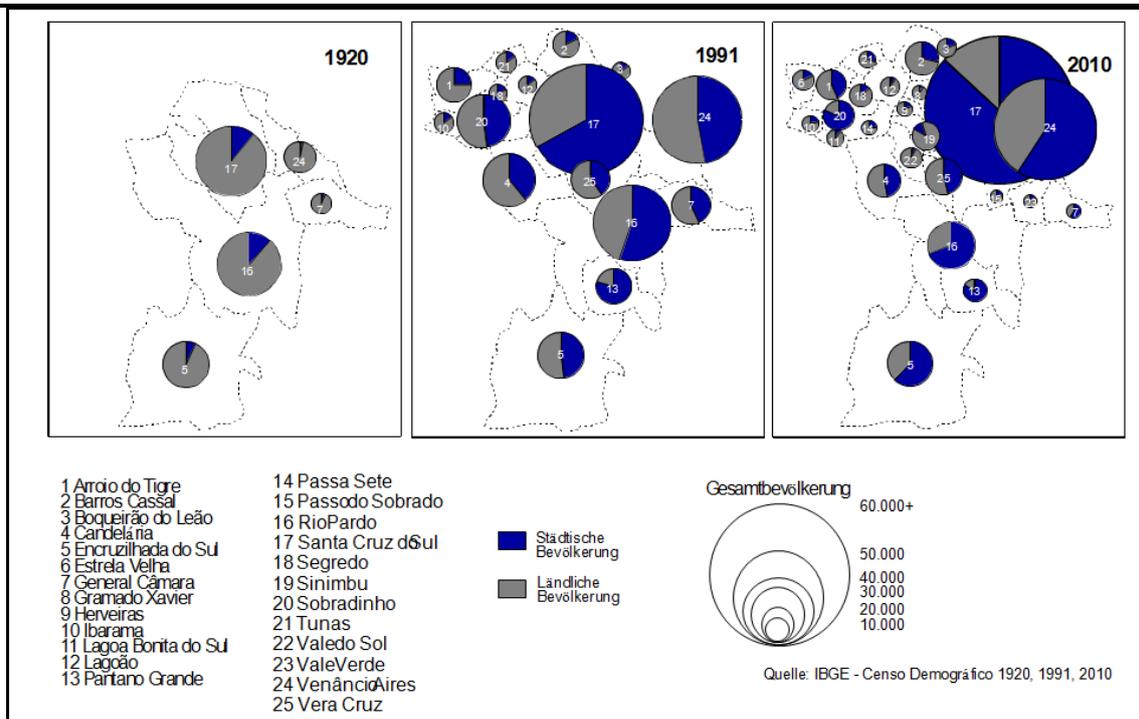


Figura 2 – Crescimento populacional da Região do Vale do Rio Pardo

Fonte: IBGE (2010).

Atualmente o modelo de produção agrícola denominada agricultura convencional, significa agricultura de fertilizantes artificiais, herbicidas, pesticidas, além de criação animal de forma intensiva, vive um período de crise por mostrar-se uma atividade altamente insustentável. Insustentável porque é degradante ao meio e depende de altos *inputs* energéticos, de insumos externos, com custos elevados e sérios reflexos sociais.

A comercialização da produção adotada na fumicultura gera os chamados “contratos de parceria”, em que a produção da família rural já possui um comprador certo, fazendo com que o agricultor não tenha de preocupar-se com a comercialização de seu produto. Isso prejudica a introdução de novas culturas, como as agroecológicas, pois os produtores muitas vezes estão desacostumados a enfrentar um mercado instável, uma vez que a “facilidade” da garantia da compra da produção pelas empresas transnacionais do tabaco acaba por inibir a iniciativa destes produtores, na busca de novos mercados para seus produtos.

### ***A agricultura familiar no contexto da região do tirol***

A Itália (Figura 3) limita-se ao norte com Suíça e com Áustria, a leste com a Eslovênia, com o Mar Adriático (através do qual contata também com a Croácia, Sérvia e Montenegro (antiga Jugoslávia), Albânia, e com o Mar Jônico, que a separa da Grécia). A Itália limita-se a sul com

o Mar Mediterrâneo (incluindo o Canal de Malta que separa a Sicília de Malta), com o Mar Tirreno e com o Mar da Ligúria (ambos separando o território peninsular das ilhas da Sicília e Sardenha e da ilha francesa da Córsega). Finalmente, a Itália limita-se ao oeste com a França. A Itália tem uma economia industrial diversificada com um rendimento total e per capita mais ou menos igual ao da França ou do Reino Unido. Esta economia capitalista permanece dividida entre um norte industrialmente desenvolvido, dominado por empresas privadas, e um sul agrícola e menos desenvolvido, com uma taxa de desemprego de 20%. Por comparação com os vizinhos da Europa Ocidental, tem um grande número de pequenas e médias Empresas.

Em torno de 98% da população italiana são descendentes de italianos. Minorias incluem alemães que vivem na região de Trentino-Alto Ádige, e eslovenos, que vivem na região de Trieste, bem como descendentes de franceses, que vivem na região de Valle D'Aosta.

O Südtirol, para os 330 mil habitantes de língua germânica, ou Alto Adige para os 135 mil que preferem o italiano, é uma região que, geograficamente, faz fronteira a norte e este com a Áustria (Tirol Setentrional e Salzburgo), a sudeste com Vêneto (província de Bellino), a sul com Trento, a oeste com a Suíça (Cantão Grisões) e a sudoeste com a Lombardia (Sondrio). Pertenceu à

Áustria por muitos séculos, tendo sido anexada pela Itália em 1918, após a I Guerra Mundial.

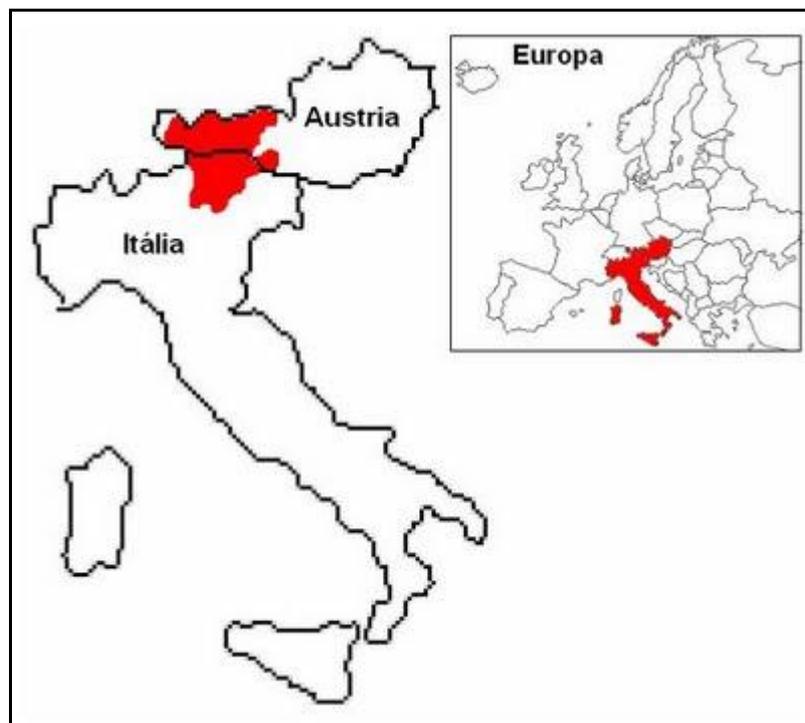


Figura 3 – Região Tirol  
Fonte: KARNOPP, 2013.

Durante a última década, a Itália seguiu uma política fiscal apertada a fim de cumprir os critérios da União Econômica e Monetária e beneficiou de taxas de juros e de inflação mais baixas, levando à adesão ao Euro desde o início, em 1999. O desempenho econômico da Itália atrasou-se em relação aos seus parceiros da UE, e o atual governo pôs em prática numerosas reformas de curto prazo destinadas a aumentar a competitividade e o crescimento em longo prazo da economia.

Segundo levantamento de dados (Figura 4), o Südtirol produz cerca de 18.500 hectares e 950.000 toneladas de maçã por ano. Os pomares na região do Tirol possuem uma rentabilidade elevada, geralmente superior a 50 ton/ha, podendo em algumas propriedades ter produtividade superior a 60 ton/ha. Essa produtividade elevada encontra-se diretamente relacionada com a alta densidade da produção.

A Província Autônoma de Trento (Trentino) é uma das províncias mais ricas da Itália e da Europa. Sua autonomia garante uma excelente qualidade de vida e sua posição geográfica alpina (com clima mais ameno) lhe garante um fluxo turístico constante. A população, outrora predominantemente rural, ocupa hoje postos nas indústrias e na prestação de serviços. A produção agrícola trentina é, contudo, forte e moderna, com destaque para a produção de renomados vinhos, queijos, frios, maçãs e diversas frutas de clima temperado. Sua vizinha Província Autônoma de Bolzano (*Alto Adige* ou *Südtirol* – Tirol Meridional) é também uma das mais ricas províncias italianas e europeias, com excelente qualidade de vida e ensino bilíngue italiano-alemão e nas áreas de língua ladina, é ensinado o idioma dessa minoria linguística (existente também no Trentino – *Val di Fassa*). Sua economia, assim como a trentina, é baseada no turismo, mas há destaque para a indústria e para a forte e sofisticada produção agrícola.

Atualmente, a Região Trentino-Alto Adige/*Südtirol* e o Estado do Tirol (Áustria) possuem um escritório comum nas Nações Unidas e uma representação no governo da União Europeia. Trata-se da *Euregio Tirolo* (Região europeia do Tirol), um projeto de cooperação mútua e de vínculo, no intuito perpetuar a história e os costumes da região tirolesa. Diversos acordos (políticos, educacionais e culturais) entre Trento, Bolzano e Innsbruck foram firmados e buscam, assim, preservar a identidade local.

Bolzano é a capital da Província do Alto Adige, segundo os italianos, ou Südtirol, de acordo com os austríacos. É um território anexado pela Itália após a 1ª Guerra Mundial, com elevada qualidade de vida onde as atividades principais são o turismo, o artesanato e a

agricultura, com algum peso no setor terciário. No setor agrícola predominam atividades pecuárias (239 mil ha), vitivinicultura (5 mil ha) e fruticultura (18 mil ha), sendo esta última a atividade mais importante em termos da riqueza produzida. O número total de explorações é de 26.600, sendo 97% do tipo familiar. O número de explorações frutícolas é 8.000, com uma área média por exploração pouco superior a 2 hectares e um número médio de 3 parcelas por exploração. 40% das explorações tem área inferior a 2 ha e 60% têm menos de 5 ha. A produção média ultrapassa as 50 toneladas/hectare.

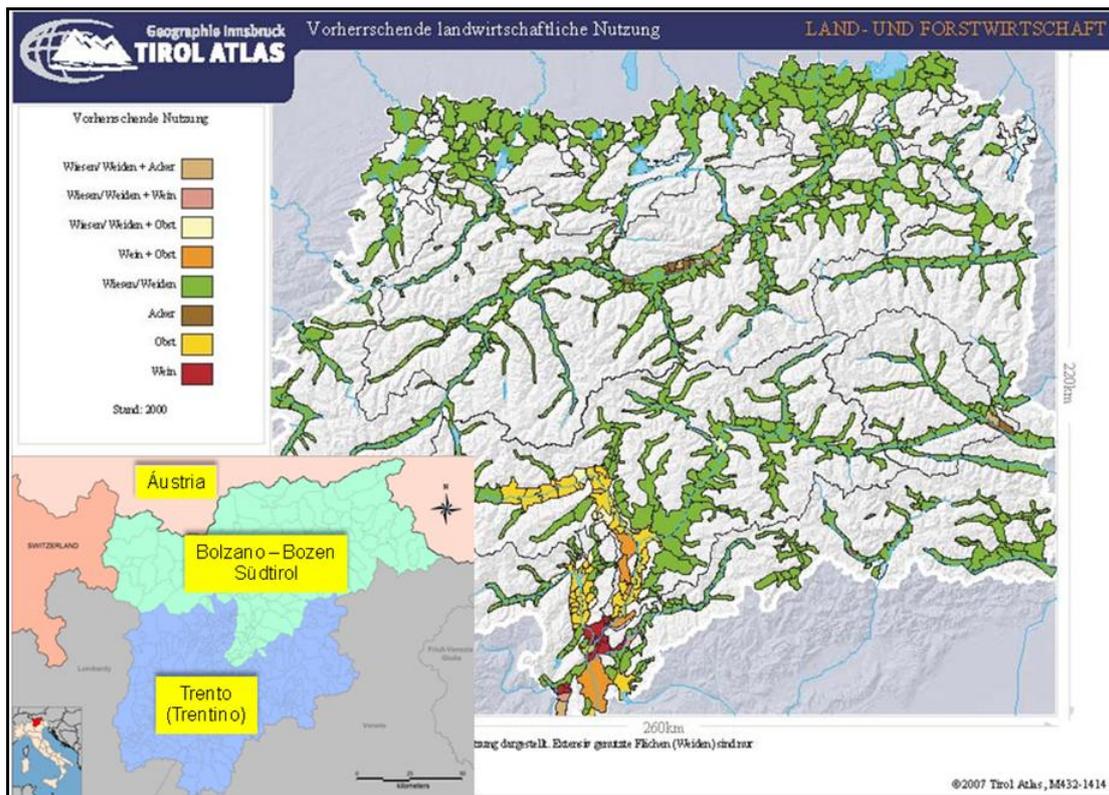


Figura 4 – Principais atividades agrícolas  
Fonte: Tirol Atlas, 2007.

Sendo o fator terra com aptidão frutícola um bem escasso, o preço por hectare atinge valores verdadeiramente astronômicos e quase irrealistas – 350.000 euros – o que faz com que o mercado fundiário de compra e venda, praticamente, não exista. No que concerne à fruticultura, cujo forte desenvolvimento ocorreu no período compreendido entre o final dos anos cinquenta e o princípio da década de sessenta, pode dizer-se que é a atividade agrícola economicamente mais importante, como, aliás, se demonstra pelos 18 mil hectares ocupados e pela produção anual de 900 mil toneladas, cifra que, por si só, representa metade do total do país, 16% da Europa.

---

Tendo em vista que a produtividade média é de 50 toneladas/hectare, facilmente se deduz que esse quantitativo só é atingível com o recurso à utilização de tecnologias de ponta, das quais se realça a qualidade e a uniformidade do material vegetativo utilizado (produzem-se 5.000.000 de plantas/ano) e a densidade de plantação superior a 3000 árvores/ha, dois aspectos que estão intimamente relacionados.

Ainda que a produção se faça a partir de um conjunto diversificado de variedades, as macieiras do grupo Golden – Reinders e Clone B – continuam a ser as mais utilizadas (36%), seguidas dos grupos Gala (19%) – Schenitzer e Brookfield; Red Delicious (15%) – Erovan e Sandige; Fuji (10%) – Kiku 8; e

Granny Smith (8%). Os restantes 12% integram variedades como a Pink Lady (5%), Braeburn (5%) e Jonagored (2%).

Face aos mercados de destino, os produtores de Bolzano têm de se manter permanentemente atualizados relativamente às exigências decorrentes dos hábitos alimentares dos consumidores e das preocupações com os modos de produção. Para responder a esses imperativos, 95% da produção é feita segundo as normas da “produção integrada” e 90% está certificada pelo sistema EUREPGAP. Existem também 450 hectares submetidos ao modo de produção biológico com a produção total de 14.000 toneladas, assegurada por 140 produtores e com resultados financeiros da ordem dos 12 milhões de euros.

Quanto à disponibilidade comercial de novas variedades, ela está assegurada pela renovação dos pomares, que é realizada à média de 8% por ano e sempre que a sua idade atinge 12-15 anos. Refira-se que, ao contrário do que sucede em Portugal, Espanha ou França, por exemplo, em Bolzano não existem quais quer apoios financeiros para a instalação das plantações, fato que acentua ainda mais a importância socioeconômica que o sector tem naquela região.

A produção e comercialização da maçã estão organizadas em duas grandes associações de produtores, ambas criadas em 1997 e é nestas organizações que reside a base do sucesso frutícola da região. A primeira - a VOG Terlan é uma organização de produtores que agrega 22 cooperativas e conta com 5.651 produtores associados, que exploram 10.663 hectares. Comercializam anualmente 550 mil toneladas de maçã, o que corresponde a 350 milhões de euros. Esta unidade é responsável pela comercialização de 63% da produção total da região. A segunda - a VIP Laces, situada em Vale Venosta é constituída por 9 cooperativas, conta com 1.885 produtores e representa uma produção de 260 mil toneladas (28%) obtida em

---

4.800 ha. O restante da produção da região é comercializado em leilão (7%) e por comerciantes (2%), assumindo um caráter residual.

Estas organizações, além de ter uma influência muito positiva nos resultados econômicos finais, permite desenvolver outras iniciativas em prol de uma fruticultura moderna e competitiva. Dentre essas iniciativas destaca-se o Consórcio de Inovação Varietal, que assegura o estudo, experimentação e avaliação de novas variedades, com a finalidade de adotar aquelas que apresentem características mais interessantes para a região. Os membros constituintes deste Consórcio provêm das referidas organizações de produtores, do departamento provincial do Ministério da Agricultura, da Estação Experimental de Lambuirg e do Consórcio de Assistência Técnica.

## CONCLUSÕES

Por entendermos constituir a região e o lugar frações do espaço total do planeta onde o mundo é empiricamente percebido, o ensaio apresentado tentou corroborar a compreensão de algumas das diferentes formas de empiricização da agricultura globalizada.

Partindo-se do pressuposto de que a dinâmica territorial possui duas dimensões – vertical e horizontal – procurou-se evidenciar que as verticalidades são forças que prevalecem no território da região do Vale do Rio Pardo. Isto significa que o uso econômico é mais importante que o uso social do território, ou seja, os interesses econômicos externos sobrepõem-se aos interesses sociais da região. As verticalidades não consideram o interesse coletivo, não dão ênfase às interdependências e redes de solidariedade de pessoas e grupos, organizações de base local.

A região se apresenta passiva e receptora da cadeia de decisões concebida a partir de fora ou de longe. Os territórios são usados somente como recursos para a satisfação de interesses exteriores a região. Conclui-se que o uso econômico e as verticalidades são mais dominantes em toda a escala local e regional.

Por outro lado, na região do Tirol – segunda região pesquisada - percebe-se a predominância das horizontalidades, ou seja, a agricultura familiar deve ser a base social de um novo desenvolvimento rural construído sobre um novo paradigma. As horizontalidades, segundo Santos (1996, p. 225) são “extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade como na definição tradicional de região”. Trata-se de um tecido espacial conformado por relações de proximidade, de vizinhanças, de um acontecer homólogo, na

---

qual é possível desenvolver uma solidariedade ativa e aumentar a eficácia política. Dessa forma, as horizontalidades se conformam através de relações econômicas, políticas, sociais e culturais que se estabelecem nas escalas locais e regionais, nas quais é possível convergir solidariedades locais.

A análise contribuiu para avançarmos na percepção das novas relações de produção, assim como na reestruturação espacial engendrada pela dispersão espacial da produção agrícola e para a elaboração da síntese dos processos que lhe são pilares. A nosso ver, é possível, também, avançar nos esquemas de análise das novas lógicas na relação produtiva, assim como dos principais processos presentes na base de todas as desigualdades socioespaciais hoje existentes. Isto permite prosseguir, também, na busca de soluções com vistas à outra globalização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestri de. **Uma introdução ao debate crítico sobre os estudos regionais**: para refletir o caso das regiões campeiras do Brasil Meridional. In: *Terr@Plural*, Ponta Grossa, 1(1):67-75, jan.-jul., 2007.

ALMEIDA, Jalcione. Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J. NAVARRO, Z. (Org.) **Reconstruindo a agricultura**: Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.33-55.

ALTIERI, M., MASERA, O. Desenvolvimento rural sustentável na América Latina: Construindo de baixo para cima. In: ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. (Org.) **Reconstruindo a agricultura**: Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.72-105.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: Heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

BENKO, Georges. **Economia, Espaço e Globalização na aurora do século XXI**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BEZERRA, Maria do Carmo Lima, VEIGA, José Eli da (Coord.). **Agricultura Sustentável**. MMA, IBAMA, Consórcio Museu Emílio Goeldi. 2000, 190 p.

- 
- Boisier, Sergio. **El desarrollo territorial a partir de la construccion de capital sinergetico.**In: Revista REDES, Universidade de Santa Cruz do Sul, vol.4, n.1, jan/abr de 1999.
- CARVALHO, Mônica de. **Território e sociedade:** entrevista com Milton Santos. Entrevistadores: Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. **Territórios alternativos.** Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- KARNOPP, Erica. **Kleinbauern zwischen konventioneller und ökologischer Landwirtschaft:** das Beispiel der Region Vale do Rio Pardo (Brasilien). Tübingen, 2004. Tese de Doutorado.
- KLARMANN, Herbert. **Região e Identidade Regional:** um estudo da espacialização e representatividade regional no Vale do Rio Pardo. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz, 1999.
- LENCIONI, Sandra. **Região e geografia.** São Paulo: EDUSP, 1999.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento – crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986. Tradução de Eneida Araújo.
- SANTOS, Milton. **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. O papel ativo da geografia: um manifesto. **Rev. Território,** LAJET/UFRJ, ano V, n. 9, jul./dez. 2000.
- \_\_\_\_\_. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território: globalização e fragmentação.** 5. ed. Editora Hucitec – ANPUR. São Paulo: 2002.

**Artigo recebido em 29/10/2013.**

**Artigo aceito em 09/03/2014.**